

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1896 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1973, aos 77 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1928, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado estadual no Ceará (1932/1939), deputado federal pelo Ceará (1939/1947) e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que trabalhou no Arquivo Nacional, esteve ligado à biblioteca do estado (atual) e esteve ligado ao Museu do Ceará, ao Museu Literário e do Sinaldo Artur de Azevedo, em Belém, em 1954, e ao Museu do Ceará, da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da cidade de Aquidauana e de Belém, os seguintes livros publicados: *Os Dias de 1919* (1970) e *Os Dias de 1920* (1971), com prefácio de José de Alencar.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Este livro contém os poemas de todos os poetas que foram membros da Academia durante esse período. Após o lançamento do livro, o autor foi eleito presidente do conselho. Durante o período de sua presidência, ocorreu a queda de Leonor de Albuquerque, a qual foi substituída por Leonor de Albuquerque. Com a ajuda de Leonor de Albuquerque, o autor conseguiu reunir os membros da Academia, ocasião em que o autor foi eleito presidente da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONOR DE ALBUQUERQUE

1900-1901

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proceloso
Recupera novos bens,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória conduta.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO

Antônio Girão Barroso nasceu na cidade de Araripe, Ceará, em 6 de junho de 1914 e faleceu em Fortaleza no dia 11 de dezembro de 1990, aos 76 anos de idade. Diplomou-se em contabilidade pela Escola de Comércio Fenix Caixeiral, em 1937 e bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1944. Foi jornalista militante trabalhando para os Diários Associados, período em que teve grande atividade política e sindical. Exerceu, por muitos anos, o magistério superior como professor de Economia Política da Faculdade de Direito da UFC e de História Econômica Geral e do Brasil, da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará. Residiu em Brasília, onde trabalhou no Conselho Federal de Educação e exerceu suas atividades jornalísticas e intelectuais.

Poeta modernista, escritor, jornalista e político. Possuía grande espírito empreendedor, tendo fundado várias revistas e jornais literários e participado dos movimentos intelectuais e artísticos do estado. Como estudante, tomou parte da inauguração do I Salão de Abril, em 1943. Foi um dos fundadores do Grupo de Literatura e Arte - Grupo Clá, em 1946, e do Clube de Cinema do Ceará, em 1948. Compôs o Conselho Estadual de Cultura. Publicou: *Alguns poemas*, 1938; *Os hóspedes*, 1946, edições Clá, em parceria com Aluizio Medeiros, Artur Eduardo Benevides e Otacílio Colares; *Novos poemas*, 1950; *30 poemas para ajudar*, 1969, em parceria com Cláudio Martins e Otacílio Colares; *As artes plásticas no Ceará*, 1970; *Modernismo e concretismo no Ceará*, 1970; *Dois tempos*, 1981, em parceria com Inácio Almeida; e *Poesias incompletas*, publicado pelo Programa Editorial da Casa José de Alencar, em 1994.

Ingressou na Academia Cearense de Letras em março de 1964, quando foi saudado pelo escritor João Clímaco Bezerra. Ocupou a vaga deixada pelo médico João Otávio Lobo, cadeira número 18, cujo patrono é Moura Brasil.

O POETA

*Como as árvores, que já andam carregadas de frutos
os meus bolsos estão carregados de poemas.
E já pesam os meus bolsos como fardos
eles, que eram vazios e felizes,
sim, os meus bolsos eram felizes...
Podia tirar deles os minguados dinheiros
e recibos de contas atrasadas.
Agora eles quase me doem, carregam coisas intraduzíveis
pedaços de mim – leves esperanças
alguma aurora que já vem pelo caminho.
Os terríveis papéis que não puderam ficar em branco!
Como poderei carregar tudo isso
será que terei de levá-los para longe?
Ou eles terão sempre de voltar para mim?*

*Como as árvores, que já andam carregadas de frutos
os meus bolsos estão carregados de poemas.*

*Uma árvore, eu sei, pode se libertar do fruto
mas, como poderei eu me libertar do poema?*

ENVOI

*Vem cá erra o caminho
Te darei flores e chamar-te-ei bichinha
Olha tenho um vaga-lume que te dou
E as imagens furtadas ao mistério
Dançarenga
A lua te busca
E os escolhos nus
Tu somente a única estrela
De repente num céu de abril
Se tu vieres ó mansa
Dormirei na Pasárgada dos teus braços.*

POEMA DE QUANDO EU ME FOR

*Quando eu me for uma voz virá me pedir: silêncio!
E alguém discutirá no vasto alpendre enluarado
os problemas da Vida*

E da morte.

Uma ave será a anunciação dos dias novos que virão.

*Quando eu me for nada de mais terá passado
sobre a terra*

Somente o amor de uma que eu deixei há vinte anos.

*Alguém rirá da suntuosidade das imagens
(e da vida não vivida)*

Sacrificadas à sanha de todas as renúncias, as vãs, inclusive.

Só tu me purificarás então, num último olhar contrito

*Que será o olhar de minha mãe, de minhas irmãs
e o teu.*

Quando eu me for uma voz pedirá: silêncio!

FONTE: BARROSO, ANTÔNIO GIRÃO. *POESIAS INCOMPLETAS*. FORTALEZA: UFC/ CASA DE JOSÉ DE ALENCAR – PROGRAMA EDITORIAL, 1994. (COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO, 43). P. 101, 108, 64.